

*Jogo embolado
nas negociações
de salários
Pag 3*

*O Jornalismo
discute o fim
do diploma
Pág 6*

porã, duba

PUCSP — 22/4/86 — n.º 112

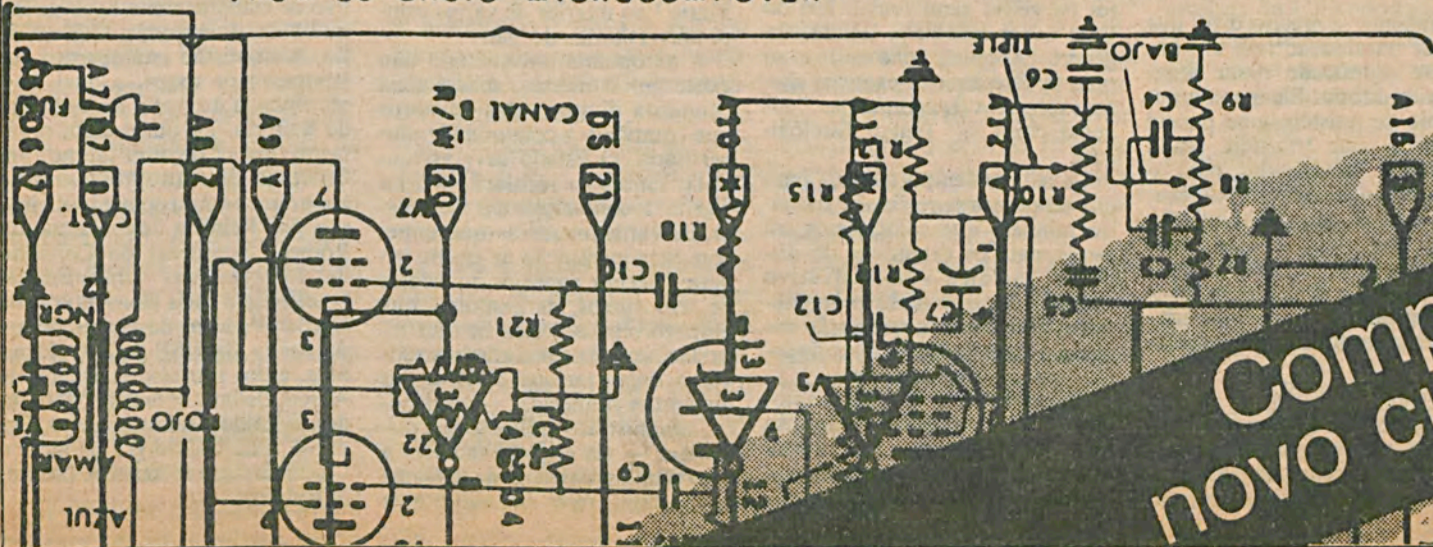
Os fiscais de Sarney já não choram Tancredo

O mito não resiste um ano

O Brasil de hoje seria melhor com Tancredo do que com Sarney? Nossa reportagem sai em busca de um mito e descobre que já há outro em seu lugar. Pág. 8



FROM Z8-BASIC MICROCOMPUTER



**Computação:
novo curso da Puc**
Pág 5

Carta dos editores

Há um ano a PUC acompanhava os sentimentos de vazio e indefinição deixados pela morte de Tancredo. O temor maior estava na ameaça de que a transição democrática não se consolidasse. Hoje, nas rampas e corredores, o mito parece esquecido.

A repórter Claudia Giudice percebeu que as pessoas estão mais preocupadas com as angústias do presente, do que com as lamentações do passado. E não poderia ser diferente. Com os políticos a coisa muda um pouco. Claudia foi ao Rio e num intervalo do congresso do PDT ouviu, com exclusividade, o governador Leonel Brizola.

Ela tentou falar com figuras importantes de todos os partidos e só se frustrou com dois deputados federais: Eduardo Suplicy e Paulo Maluf. O representante do PT, que não votou em

Tancredo no Colégio Eleitoral, não quis falar sobre o assunto. Maluf, que disputou com Tancredo a Presidência, nem respondeu. Mas o esforço valeu e a matéria é um retrato, sem retoques, da inconsistência dos mitos.

Na PUC continua a novela da crise e o impasse nas negociações salariais. O repórter Gerson Sintoni assistiu mais de meia dúzia de assembleias, ouviu a Reitoria, a Afapuc e a Apropuc para produzir mais um capítulo dessa história cujo fim parece distante.

Esta foi também uma quinzena trágica para a PUC. O suicídio de uma aluna na sala de aula e o assassinato de um professor na Av. Sumaré são tragédias que atingem a cada um de nós. No seu dever de informar, o Porã'duba traz essas desgraças para as suas páginas, na esperança de que elas tenham fim.

COMISSÃO EDITORIAL EXECUTIVA
Professores — jornalistas: Laurindo Lalo Leal Filho (reg. Min. Trab. 12.110 Mat. Sind. 300)
Gabriel Priolli (reg. Min. Trab. 361 — Mat. Sind. 4967)
Valdir Mengardo (reg. Min. Trab. 12.347 — Mat. Sind. 6707)
Funcionária Jornalista — Vera Lúcia Ramos da Silva
Ajuna de Jornalismo — Claudia Giudice de Menezes

Redação
Mara Gama (edição), Nelcy Del Grossi (reportagem), Gerson Sintoni (reportagem e fotografia), Claudia Giudice de Menezes (reportagem e fotografia), Valdir Mengardo e Regina Delfino (Projeto gráfico e logotipo), Silas Botelho Neto (diagramação) e Hilton Mercadante (ilustração).
PORÃ'DUBA circula quinzenalmente com distribuição gratuita e é editado sob a responsabilidade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Rua Monte Alegre, 984 — São Paulo — SP — CEP 05014 — Tel (011) 263-0211 ramal 227
A redação se reserva o direito de reduzir, alterar e corrigir quaisquer textos a ela encaminhados, inclusive os assinados, sob estritos critérios jornalísticos sem prejuízo de seu sentido e conteúdo. Composição e Impressão: Cia. Editora Jorrués. Tiragem: 15.000 exemplares.
PORÃ'DUBA, em tupi: notícia

OPINIÃO

AFAPUC APROPUC

O arrocho salarial se impôs

A inflexibilidade da Reitoria em atender o mínimo de nossas reivindicações salariais, a divisã e a passividade de uma importante parcela dos professores e funcionários foram as marcas desta campanha salarial. É fundamental que os professores e funcionários reflitam sobre os acontecimentos porque será necessário restabelecer a unidade de ação, caso contrário condições de trabalho e ensino serão golpeadas a um grau insuportável.

Não resta a menor dúvida que a ausência da disposição conjunta de luta permitiu que a Reitoria tranquilamente aplicasse o pacote do arrocho da "Nova República", que realiza um dos maiores confiscos salariais da noite para o dia. Para demover a Reitoria do seu propósito de se apoiar no confisco salarial, como uma das formas de subsídio ao déficit financeiro da PUC, era necessária uma greve prolongada e vigorosa. Isto porque a Reitoria estava e está obstinada a aproveitar o máximo dos efeitos do pacote no sentido da desvalorização da dívida da PUC.

Dentre os componentes da desvalorização está o rebaixamento salarial de cerca de 27%, que subtrai dos assalariados e favorece a dívida da Instituição. A filosofia da Reitoria consistiu, objetivamente, na defesa de que os professores e funcionários pagassem uma parcela da dívida com a aceitação do arrocho (isto é o que chamam de defesa da Instituição). Não se trata de nada estranho, evidentemente, pois numa situação normal o empregador diz que não pode pagar mais porque se não inviabiliza a empresa (vejam a resposta dos patrões da Oswaldo Cruz para os professores em greve); numa situação deficitária, o empregador procura convencer de que é nosso dever pagar a dívida que não contrainamos.

Entretanto, o mais extraordinário está em que este raciocínio penetrou na consciência de uma importante parcela de professores e funcionários. Desta forma, a Reitoria obteve o êxito momentâneo do que pretendia.

Mas, atenção! A Reitoria afirmou que aplicaria o índice do arrocho para apenas evitar que o "monstro da crise" não viesse rapidamente nos pegar. E sentenciou: a crise falimentar prevista para abril apenas foi adiada. Então, o que nos restou? Ficamos com o arrocho no presente e com a expectativa de num futuro próximo arcar novamente com as possibilidades do estouro financeiro. A velha história do sistema assalariado se repetiu, quem paga as dívidas e a crise dos empregadores (Fundação São Paulo) são os trabalhadores.

A pergunta política que fica desta campanha salarial é a seguinte: até quando teremos, na PUC, a situação de, aparentemente, navegarmos todos num mesmo barco diante da tormenta da crise, quando na realidade existem dois barcos distintos?

Diante da crise, a Reitoria diz ser necessária a mobilização de toda comunidade em defesa da Instituição (pedir verbis ao governo) e diante do dissídio coletivo, a Reitoria diz estar do lado da Instituição contra aqueles que reivindicam apenas um direito elementar de sobrevivência da fonte de trabalho! Esta questão, em nossa opinião, deve ser debatida e resolvida entre os professores e funcionários, pois eliminou a base de nosso movimento.

Finalmente, é preciso dizer que o dia de paralisação teve um importante significado nesta situação contraditória. Ele marcou um princípio de resistência ao pacote econômico, que transfere renda das massas assalariadas para o bolso dos poderosos grupos econômicos, num país de 70 milhões de famintos. A nossa manifestação está inserida em toda uma movimentação que já abarca milhões de trabalhadores de várias camadas sociais contra o confisco salarial.

A rejeição ao golpe do pacote tende a aumentar cada vez mais ao se verificar que o sonho do congelamento dos preços não permanecerá em pé. O descongelamento já

foi anunciado. Alguns produtos já têm seus preços alterados. Depois das manobras eleitorais de novembro, então, o congelamento acabará de vez. Enquanto isso nossos salários permanecerão congelados por 1 ano.

Assim, o reconhecimento elementar da impotência de nossa paralisação de protesto é fundamental para reconstituirmos a nossa unidade e fortalecermos a APROPUC e a AFAPUC para os próximos embates.

Ainda há tempo para a mobilização. Participe das Assembleias!

DCE

'Não põe corda no meu bloco Não dá ordem ao pessoal'

Creio que não é necessário recorrer ao alarme geral para convocar todos os entes da Católica em direção ao soberano Congresso Universitário. Pois o bom cidadão puquiano (funcionário, professor e/ou aluno) há muito espera por tal evento inovador. Um Congresso sem delegação, que inove a ordem acadêmico-cultural de uma vez por todas, de forma que nos emancipemos. Onde não haja os anarco-consumistas representantes da geléia geral (vulgo Rei do Cacs ou se quiserem, ditador do gênero Shopping zona sul), e no pólo oposto aqueles exóticos chefes executivos de campanhas "Alguns coisa já" (vulgo fisiológicos).

Caros contemporâneos, para que tal proeza se realize é necessário também que coloquemos em xeque-mate os detentores do discurso jurídico-administrativo competente, que tanto monopolizam a articulação e veiculação das idéias da comunidade, fazendo assim, a deplorável ideologia.

Portanto mãos a obra, vamos fazer um verdadeiro Congresso onde o aluno comum (calouro ou veterano, cristão ou marxista, consumista ou comunista, ovelha

ou gavião) possa participar como sujeito ativo desta casa. Finalizando, em um momento delicado como o nosso, de crise econômico-moral e não financeira, pois não faltam gaviões empresários com suas propostas opressivas que tanto poluem o nosso espaço (ex. não faltam Krokodilu's Ltda., Unipark do Maluf e as Copiadoras da vida — Serviço Social, onde está você?), a unidade é fundamental, sem querer dizer com isso, uniformidade ideológica — As divergências são o sopro da Universidade. Portanto companheiro, participe.

Jerônimo Ribeiro Filho, aluno dos Cursos de Direito e História.

DCE todo mundo é

Esta coluna está aberta a todos os estudantes da PUC. Isso porque o atual DCE é autogestionário. A chapa eleita chama-se "DCE todo mundo é!" Assim o estudante que quiser pode escrever cartas para o Porã'duba com, no máximo, 30 linhas, contendo o nome e o curso do autor.

REITORIA

Estatuto da Autonomia Universitária

A autonomia universitária, elemento essencial à natureza da Universidade, ganhou ressonância na opinião pública nacional a propósito dos últimos acontecimentos envolvendo reitores e comunidades universitárias e a exibição proibida do filme "Je Vous Salue, Marie" no interior de vários campi universitários do país.

A autonomia universitária não existe em si mesma, mas é uma conquista diuturna dos membros que compõem a comunidade universitária. O Estado deve assegurar-lá. Embora a legislação federal vigente a contemple, ela é cercada de várias maneiras que impedem uma instituição de ensino superior decidir sobre os currículos de seus cursos, as pesquisas que desenvolvem, a gestão de seus recursos, seus sistemas administrativos e organizacionais. Além das dimensões conhecidas — acadêmica, administrativa, financeira, disciplinar — ela engloba também a autonomia política. E na presente conjuntura, falar de autonomia

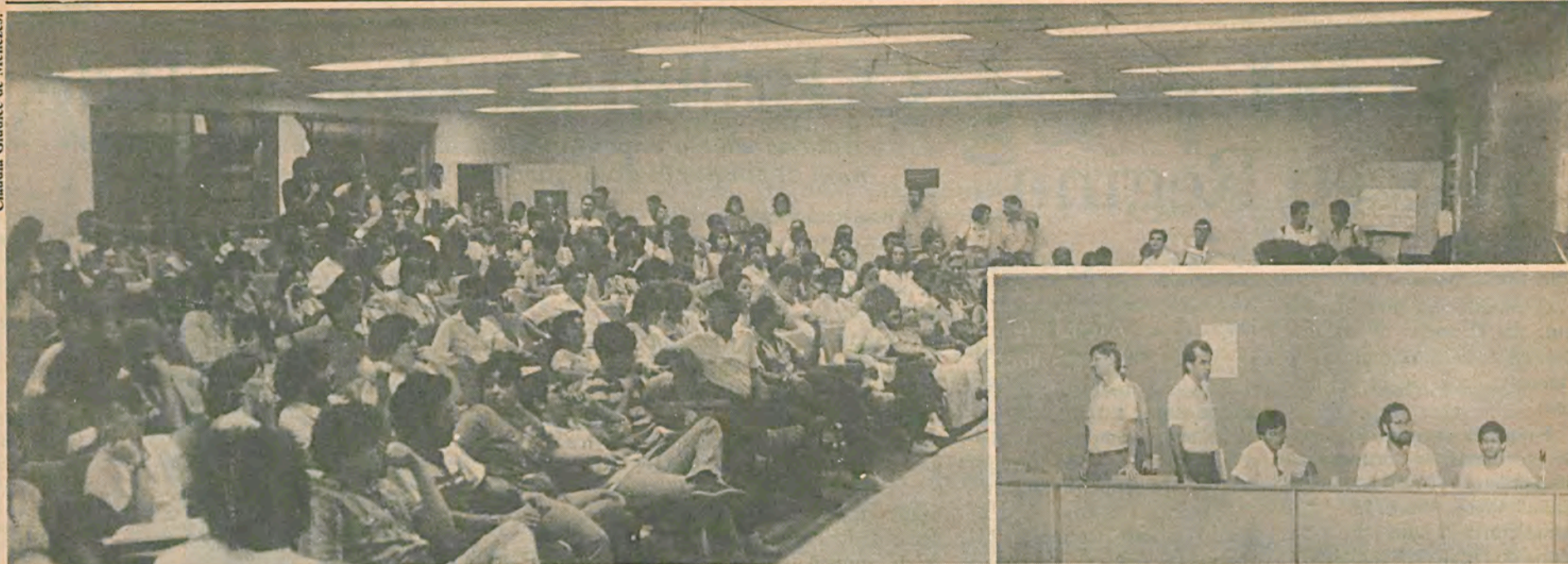
sem recursos financeiros é ficção.

Neste sentido, a Comissão Nacional para a reformulação da Educação Superior colocou-a como princípio norteador de todo o seu trabalho e das múltiplas atividades que as Universidades desempenham. Mas ressalvou que a "autonomia não pode ser entendida, naturalmente, como um cheque em branco que a sociedade passa a seu sistema universitário e a seus diversos segmentos; ao contrário, ela supõe uma contrapartida bem definida em termos de desempenho. Não pode haver autonomia sem essa contrapartida de responsabilidade".

No entanto, não existem garantias institucionais e legais convenientes o que tem causado inúmeros conflitos na história das universidades. A própria reflexão teórica, ainda que abundante, não cobre todos os aspectos envolvidos. Seria pois conveniente pensar num diploma legal que defina os limites da autonomia universitária, bem como analisar a validade de um dispositivo constitucional, fazendo com que a sua discussão ganhe maior relevância, com a proximidade da constituinte.

No processo de discussão do conteúdo da autonomia universitária e de sua definição, a PUC-SP, por sua história e importância no cenário político nacional, tem um relevante papel a desempenhar.

Por isto, o Reitor Professor Luiz Eduardo W. Wanderley tomou duas iniciativas. De um lado, nomeou uma Comissão de Estudos, integrada, entre outros, por Paulo Freire, Demerval Saviani e Florestan Fernandes, com o objetivo de elaborar um esboço de Estatuto da Autonomia Universitária. A Comissão está aberta à colaboração de todos, a qual deve ser enviada à Chefia de Gabinete da Reitoria. De outro lado, organizou, em 17 de abril último, um Colóquio de Alto Nível, sobre o tema, que contou com a participação dos Reitores José Raimundo Romeu, Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras e Elias Boaventura, da UNIMEP, além do representante do Reitor da USP José Goldemberg, e dos professores Dalmo de Abreu Dallari, Florestan Fernandes, Geraldo Ataliba e outros. Em breve, a EDUC deverá publicar o Colóquio, que se mostrou bastante frutífero.



Assembléia conjunta que avaliou a paralisação do dia 9. No destaque a Reitoria pede a palavra.

Negociação salarial: impasse continua

Depois da paralisação do dia nove, onde cerca de 70% dos funcionários e 95% dos professores cruzaram os braços por um dia, as negociações entre a Reitoria e as associações de professores e funcionários chegaram a um impasse. Na primeira rodada de negociações, na tarde do dia nove, as duas entidades apresentaram à Reitoria suas reivindicações salariais: 105,49% (INPCA/março), 8,4% de produtividade e a reafirmação do acordo de setembro (reposição de 16,8%). Como resposta a essas reivindicações a reitoria continuou a afirmar que aplicaria os 61,19%, que a lei prevê, não apresentando nenhuma outra contraproposta.

A Apropuc e a Afapuc consideraram o resultado da negociação nulo e enfatizaram a posição de intransigência da Reitoria. Na assembléia de avaliação do movimento, professores e funcionários decidiram pela não continuidade da paralisação, instalando-se uma assembléia permanente. As duas entidades classificaram de pressão a atitude da Reitoria de pagar horas extras aos funcionários que estavam trabalhando. A Reitoria explicou a medida afirmando que, em vista da paralisação, os funcionários que não aderiram ao movimento ficaram sobrecarregados.

A Reitoria defende o índice oficial

O impasse que começava a se delinear na primeira nego-

ciação acabou se confirmando na segunda rodada, pouco concorrida apesar de aberta, no dia 16. A negociação iniciou-se com a fala do Reitor, Luiz Eduardo Wanderley, enfatizando a grave situação financeira em que se encontram todas universidades católicas no Brasil. Wanderley afirmou que houve uma reunião, em Itaiçi, onde os bispos representantes das universidades católicas, junto com os reitores, decidiram encontrar-se, em maio, com o Presidente da República, para cobrar uma posição do Governo sobre os 30% de verbas que o MEC enviaria as católicas. Segundo o Reitor, caso o Governo responda negativamente várias entidades correm o risco de entrar em colapso, inclusive a PUC de São Paulo.

Após a fala do Reitor, iniciou-se efetivamente a negociação. A Afapuc e a Apropuc cobraram uma contraproposta às suas reivindicações salariais e a Reitoria voltou a afirmar que o índice salarial é inegociável. Alípio Casali, vice-reitor administrativo, explicou que a função da Reitoria é a de manter a PUC funcionando. "Não temos condições de dar mais. O índice (61,19%) nos dá uma margem de segurança mínima. A Reitoria tem que responder pela sobrevivência da instituição. Nós defendemos o índice oficial, pois os números mostram que a situação é drástica".

Como proposta, a Reitoria acenou com a possibilidade de, com verbas exteriores,

criar um fundo que possibilite a ampliação de oferta de bolsas de estudos para professores e cursos de qualificação profissional para os funcionários. Questionado sobre a origem das verbas, Alípio respondeu que elas viriam do MEC. Porém, ele não soube precisar quando elas viriam — "isso depende do Governo" — e nem de quanto seriam — "a porcentagem para as católicas vem diminuindo ano após ano".

A questão é política ou financeira?

A Afapuc e a Apropuc rejeitaram essa proposta. Zilda Iokoi, presidente da Apropuc, disse que a destinação das verbas exteriores não foi discutida com a comunidade. José Rocha Cunha, presidente da Afapuc, enfatizou que a proposta não era salarial, acrescentando que "a obrigação de qualquer universidade, sob qualquer situação, é o incentivo e a melhoria das condições de ensino e pesquisa". Quanto aos funcionários, Rocha disse que o último acordo firmado já contém uma cláusula onde a Reitoria compromete-se a qualificar seus funcionários.

Avaliando depois os resultados da negociação, o presidente da Afapuc acredita que ela terminou sem conclusão alguma. "Saímos com a nítida impressão que a Reitoria foi cínica. Pois, entendemos que o problema não é financeiro e sim, político. A Reitoria não quer furar o Pacote do Gover-

no porque ela precisa de suas verbas". O vice-reitor Alípio Casali, por sua vez, responde que "não elevamos o índice acima do oficial porque não temos recursos." E sobre o resultado da negociação, disse

sumariamente que "não houve qualquer resposta formal das entidades a proposta da Reitoria", num sinal de que ainda vê chances de solução para um problema que permanece no impasse.

Congresso deliberativo ou não. Eis a questão

Continua indefinida a situação do Congresso Universitário.

As datas, as formas de apresentação e o clima do evento dependem ainda de muita negociação e reunião.

O Problema continua o mesmo: Afapuc e Apropuc querem um congresso deliberativo que, partindo das etapas de apresentação e discussão de propostas, defina os caminhos da Universidade. Dentre estas decisões soberanas, a que causa maiores contravérsias é, sem dúvida, a questão do estatuto jurídico da PUC, quando entra em jogo o próprio controle da Universidade.

As propostas mais ventiladas sobre este ponto são a Federalização da PUC e a transformação da universidade em Fundação de Direito Privado.

A Reitoria não concorda com o caráter deliberativo do Congresso, aceita promovê-lo em caráter estritamente consultivo, numa série de seminários e debates sobre questões

de interesse comunitário, inclusive o estatuto jurídico.

Foi marcada reunião aberta à toda a comunidade para o dia 22 de abril às 19 hs, para atualizar o quadro das negociações, discutir os últimos contatos feitos com a Reitoria e decidir sobre o processo de mobilização do Congresso.

Caso não haja nenhum tipo de acordo em relação ao caráter deliberativo, existe a proposta do congresso ser realizado sem a participação da Reitoria, contando só com os funcionários, professores e estudantes.

Neste ponto também, outra questão volta à tona — a representação dos alunos — que também não foi discutida a contento, já que para decidir como será esta representação, os estudantes precisam se mobilizar.

Com o impasse na negociação salarial, o congresso está em banho maria, embora estas questões estejam intimamente ligadas.

O sistema venceu Regina

Trze cartas, um bilhete, dois tiros.

O cenário era uma sala de aula no 3º andar de um prédio. Neste prédio circulam diariamente cerca de 10 mil pessoas.

É o prédio novo da PUC onde, no dia 15 de abril aproximadamente às 17:30 hs Regina Célia Vieira Marinho, que completaria 21 anos no dia 21, aluna do curso de Economia se suicidou.

Na sala 319, que divide a parede com a 312, a profª de Antropologia Silvia Helena Simões Borelli dava aula para uma turma de básico "um barulho meio surdo, que se repetiu".

Comum no prédio de paredes de casca de ovo, o barulho não provocou nenhuma curiosidade.

Às 18 hs, Adélia Shimoni, aluna do básico, entrou na sala 312, forçando as portas que estavam travadas com cadeiras pelo lado de dentro. Acendendo o alarme dentro o corpo.

"Ninguém conhece", dizia Sonia de Oliveira, aluna de

Ciência Sociais, "eu tirei a pulsação dela às 18 hs e procurei os documentos para telefonar para a família, olhei por cima, não encontrei".

Funcionários, professores e alunos organizaram junto aos vigias um isolamento de cadeiras empilhadas no corredor central. Os primeiros policiais chegaram às 18:20 hs. O delegado Waldeair Pereira, da 23ª Delegacia, Perdizes, chegou às 19 hs, verificando que foram dados dois tiros, encontrou os documentos e apreendeu as cartas e o bilhete que Regina deixou.

No bilhete ela dizia: "É o fim da trilha! Acreditem por favor. Tenho sofrido mais que o suportável.

....

Coloquem todas as cartas no correio lacradas como estão, isso livrará algumas pessoas da culpa.

Não é culpa de ninguém, mas do sistema.

O sistema mata!"

O corpo foi retirado por volta de 1 hora da madrugada do dia seguinte.

Num domingo na praça, roubaram uma vida.

A violência da cidade atingiu brutalmente um professor da PUC domingo, dia 3 de abril. João Luiz Teixeira Neto, do Departamento de Administração da FEA, estava com a família na praça Ana Maria Popovic, na Av. Sumaré, quando viu que estavam roubando sua moto. Tentou impedir e foi baleado. Levado para o Hospital São Camilo, João Luiz faleceu no dia seguinte. O professor João Luiz

Teixeira Neto nasceu em Taubaté, tinha 40 anos, era casado e pai de três filhos. Ele começou a trabalhar na PUC em 1978, dando aulas de Direito Administrativo e era aluno de mestrado em Direito. Era funcionário da Prefeitura, tendo sido Secretário Municipal da Administração na gestão Mario Covas. Atualmente, além de lecionar na PUC era Assessor da Secretaria Municipal dos Negócios Jurídicos.

O Brilho da Curiosidade

A delicadeza e a espontaneidade da Dama do Existencialismo, num depoimento do professor Flávio Vespasiano Di Giorgi.

A intelectualidade francesa, que nasceu na época das luzes, perde mais uma estrela: Simone de Beauvoir, falecida no dia 14 de abril, um dia antes do 6º aniversário da morte de Jean Paul Sartre.

Seu desaparecimento significa o fim de uma era de humanistas europeus. Simone foi uma historiadora cultural. Seus livros documentam e analisam uma fase dourada do pensamento. A primeira a falar da condição feminina, analisou, também, brilhantemente, a temática da morte, em diversos livros.

Flávio Vespasiano Di Giorgi, professor de Teoria da Comunicação, pode ser chamado de privilegiado. Em 1960, quando da visita de Sartre e Simone ao Brasil, teve a chance de conhecê-los pessoalmente numa palestra realizada em Araraquara.

Flávio se lembra de Simone como uma pessoa extremamente agradável, dotada de notável senso de humor — "ela ria muito". Desde aquela época mostrava uma faceta que nunca desmentiu na vida. "Possuía um espectro largo, tinha vários interesses, todos profundos. Sentia-se à vontade discutindo política, ou, até, discutindo pessoas. Ela era capaz de certas confissões pessoais, que muitas vezes beiravam a fofoca. Sempre levando tudo muito a sério, com uma presença expressa".

Simone e Sartre compunham um casal estranho. Ele, homem das abstrações, míope e distraído. Ela, mais atenta ao cotidiano, incumbida quase de cuidar dele, no sentido elementar da palavra. Não obstante companheira vivaz e crítica de Sartre em tudo, até nos textos mais profundos e complicados. No fim, irritado, Sartre sempre dizia: "Simone sempre tem razão".



Simone era cativante, possuía uma sensibilidade à flor da pele. Ao mesmo tempo que era visivelmente muito inteligente, tinha um nível muito pessoal de relacionamento, não fazendo da sua inteligência cartão de visita da sua personalidade. Possuía uma curiosidade natural de uma pessoa que está ainda na infância ou na adolescência, relata Flávio.

A dama do existencialismo, apesar de ser muito animada e cheia de vida, era, também, uma pessoa dotada de realismo. Ela tinha uma fidelidade com a verdade, mesmo quando esta não era nada confortável.

Flávio diz: "Simone nunca se esqueceu que a condição humana não é aquilo que a nossa utopia desejaria". Por isso, em muitos dos seus livros, ela coloca que a vida não é desejável indefinidamente. O homem depois de cumprir ou tentar cumprir seu papel histórico, atinge um limite de tolerância, um limite de pique. Uma hora em que a vida exige um certo descanso.

Simone atacou junto com Sartre tudo o que julgou injustiça no mundo. Lutaram jun-

tos pela independência da Argélia, pela vida dos Rosenberg e pela classe operária. Isto custou caro. Sofreram diversos atentados à bomba, promovidos pela OAS (organização de extrema direita francesa).

Eles tinham uma capacidade estranha aos intelectuais europeus — sabiam ouvir os jovens e tinham a capacidade de estar a serviço deles. Isto era admirável até para uma perspectiva latino-americana.

Sartre e Simone, professor e aluna, dois dos maiores seres deste século. Não estão mais aqui para lutar contra invasões, injustiças e atentados. Porém, duas pessoas como estas não morrem, deram e darão muito o que falar no mundo.

"Sartre tentava me situar dentro do meu próprio sistema, compreendia-me à luz dos meus valores, dos meus projetos... eu devia preservar o que havia de mais estimável em mim: meu pendor pela liberdade, meu amor à vida, minha curiosidade, minha vontade de escrever. Não só me encorajava como propunha-se a ajudar-me".

Simone de Beauvoir, do livro *Memória de uma moça bem comportada*.

Vai mexer com a comunidade...

Se a barriga é de chopp ou cerveja, a situação só tende a piorar com o tabelamento dos preços. Se vem daquele velho hábito de ficar o dia inteiro sentado, por prazer ou necessidade, vale a pena experimentar uma tática infalível: desaposentar as chuteiras.

A Universidade vai poder avaliar seus quadros de outro prisma depois dessa história que já está começando.

A coordenadoria de Educação Física, depois de algum tempo de projetos e mais projetos

elaborou um programa de atividades esportivas que conta com algumas novidades no gênero dentro da PUC, que prima pela atrofia total dos corpos, jogados em cadeiras e mesas entre papéis e cinzeiros.

Dentro do programa de Atividades Comunitárias destinado aos professores e funcionários os cursos de Ginástica e Voleibol com equipes mistas e vários horários: Professores: **Ginástica** (reconhecimento corporal) às quartas-feiras das 16:40 às 17:30 e às sextas das

13:00 às 14:40 hs; **Voleibol** (aprendizagem e aperfeiçoamento) às sextas-feiras das 15:00 às 16:40 hs.

Funcionários — **Ginástica** às quartas-feiras das 17:30 às 18:20 e das 18:20 às 19:10.

Para os alunos, que já têm seus cursos de escolha, as novas pedidas são na área de atividades competitivas; jogos às quartas e quintas das 10:40 às 14:00 hs e treinamentos de Basquetebol e Voleibol, para formar equipes que represen-

tem a PUC em encontros e competições.

Os horários por equipe são: basquete masculino — sextas das 8:00 às 9:40 e feminino, terças das 16:30 às 18:10. Volei masculino, terças das 19:30 às 21:10 hs e feminino, quartas das 15:00 às 16:40 hs. Os treinos serão realizados na quadra da PUC, com exceção da equipe de volei masculino que treinará no Colégio São Domingos (Rua Monte Alegre).

Para sacudir a poeira é só descolar uma roupa confortável e

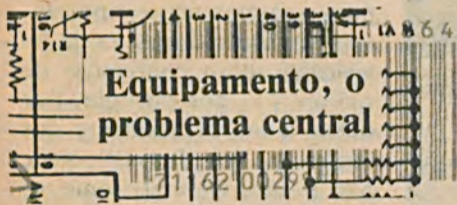
fazer um exame médico no ambulatório (sala 14 Prédio Velho) e ir para a aula que você escolheu com o atestado na mão. O controle de presenças não é rígido, porque o objetivo destes programas é a convivência das pessoas.

Com se não bastasse, vem aí a 1ª Copa PUC de Voleibol, aberta para toda a comunidade. É só formar uma equipe e se inscrever de 22 a 30 de maio na coordenadoria de educação física, sala 16 do prédio velho da Monte Alegre.

A informática chega à PUC

Com três classes de 40 alunos cada, mas ainda sem o mínimo de equipamento necessário, está em funcionamento desde o início de março o mais novo curso da PUC: o de Ciências da Computação. Baseado em cursos semelhantes já implantados na FATEC, Mackenzie e, especialmente, na USP, a computação da PUC quer oferecer ao mercado de trabalho um profissional tecnicamente habilitado, mas também com a sólida formação humanística que caracteriza a linha de ensino da universidade.

O curso funciona no horário vespertino, no Centro de Matemática, Física e Tecnologia da PUC, à rua Marquês de Paranaguá. Segundo o professor Alésio de Caroli, diretor do centro, a idéia de sua implantação é antiga, embora só agora esteja se efetivando. "Há vinte anos que a PUC pensava em instalar um computador que pudesse resolver os problemas administrativos da secretaria e que, ao mesmo tempo, tivesse uma função didática junto aos alunos de Física e Matemática", diz ele, lembrando o exemplo da PUC do Rio, que desde 1958 tem o seu primeiro computador instalado. Mas foi só agora, com a autonomia como ciência que a computação adquiriu nos últimos anos e com a virtual explosão de seu uso em quase todos os ramos de atividade, que a idéia saiu do papel para as salas de aula.



As Ciências da Computação, na PUC, serão desenvolvidas num curso de quatro anos, que além das matérias de formação específica, terão disciplinas como Teoria da Comunicação e Filosofia, entre outras do campo humanístico. Mas se essa formação diferenciada é um dos pontos principais e até um certo "charme" do curso da PUC, é no campo específico que está o seu maior problema: a absoluta falta de equipamentos. Para que o curso se viabilize, serão necessários investimentos imediatos da ordem de Cz\$ 160 mil, na compra de oito micro-computadores da linha Apple, com monitores, disc-drivers e duas impressoras. Para o próximo ano, estão previstos mais dois micros da linha PC (640 Kb) e, para o fu-

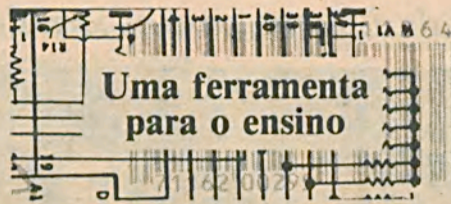
turo, vislumbra-se até um mini-computador. A utilização de equipamentos de grande porte será feita através de convênios com grandes empresas do ramo.

Mas, por enquanto, tudo está apenas no papel. Alunos e professores aguardam ansiosamente a instalação dos primeiros micros, que já tiveram seu orçamento aprovado pela Reitoria e eram esperados para o final de março. Até o momento, entretanto, o curso não recebeu informações sobre a entrega ou mesmo a compra dos equipamentos, o que vem provocando reações diversas. O prof. Alésio de Caroli mantém-se tranquilo, acreditando que "a dificuldade no momento tem sido de encontrar os equipamentos no mercado, por consequência do pacote econômico". Já seu colega Eduardo Augusto Domingues, chefe do Departamento de Matemática, professor da disciplina Introdução à Computação e um dos autores do projeto do curso, está mais impaciente.

"A falta de aparelhagem é um problema crucial, pois não se pode colocar a teoria na prática", diz Domingues. "Os alunos têm se mostrado pacientes, mas não se sabe até quando dura essa complacência". De fato, com uma mensalidade fixada em Cz\$ 1.500 — uma das mais caras da PUC — é possível prever uma reação dos estudantes à morosidade na solução dos equipamentos. Mas a Reitoria informa que vai comprar já nesta semana 10 micros da linha Apple, que deverão estar instalados dentro de 20 dias. Equipamentos periféricos como disc-drivers, CPMs e CPUs também serão adquiridos. Ainda segundo a Reitoria, está sendo negociado um acordo com a empresa Dismack, para a instalação de duas impressoras, para demonstração, por quatro ou cinco meses.

Se a falta de equipamentos é o problema mais urgente do curso, há outro que vem causando preocupações e que é, talvez, ainda mais grave, porque pode ser crônico. É a falta de professores capacitados, já que a grande maioria foi absorvida pela indústria da Informática, que oferece salários muito mais compensadores que os da Universidade. "Assim como no passado todos queriam que seus filhos fossem médicos ou engenheiros, hoje em dia a Informática é a profissão que dá dinheiro e prestígio", observa o Prof. Dirceu Salvetti, outro dos idealizadores do curso. Por isso mesmo, a própria dificuldade em recrutar professores é um sinal positivo de que os futuros formandos em Ciência da Computação

pela PUC serão facilmente absorvidos pelo mercado de trabalho.



Para o prof. Eduardo Augusto Domingues, a informatização das sociedades, mesmo em países do Terceiro Mundo, é um fator irreversível, pois é absolutamente necessária. Mesmo assim, a implantação da Informática na estrutura educacional, caso do curso da PUC, é um assunto delicado, que merece muitos cuidados. "Deve-se utilizar o computador como uma boa ferramenta, desenvolver bons 'softwares' para ensinar e criar recursos humanos para isso", acredita Domingues. Como prova da complexidade desse problema, os alunos do curso recém-inaugurado já oferecem suas críticas.

Mário Rivieri Júnior, 20 anos, que dá aulas de processamento de dados

para pagar a faculdade, acha, por exemplo, que o curso é bitolado. Para ele, o currículo está voltado para a realidade brasileira imediata, onde o maior incentivo é para a informatização na área administrativo-financeira. "A informatização da medicina só aparece no 'Fantástico'", ironiza Mário. Já Marta Leopoldo e Silva, 18 anos, que já fazia Matemática e agora também faz Computação, reclama e agora também faz Computação, de sua área. "Tiraram Fundamentos da Matemática Elementar, que era a base para quem faz Ciências Exatas, e colocaram Lógica, que é mais abstrata e voltada para a informatização. Isso é ruim para os calouros".

De qualquer forma, o curso de Ciências da Computação da PUC pretende formar Analistas de Softwares, que poderão atuar nas mais diversas áreas. Com um mercado em expansão acelerada, o interesse do governo em regulamentar a atividade e a criatividade de seus profissionais, não será difícil acomodar, com o tempo, as questões que hoje atormentam a Informática. Afinal, bem ou mal, nada é impossível para a profissão do futuro.

Cursos para todos os fins

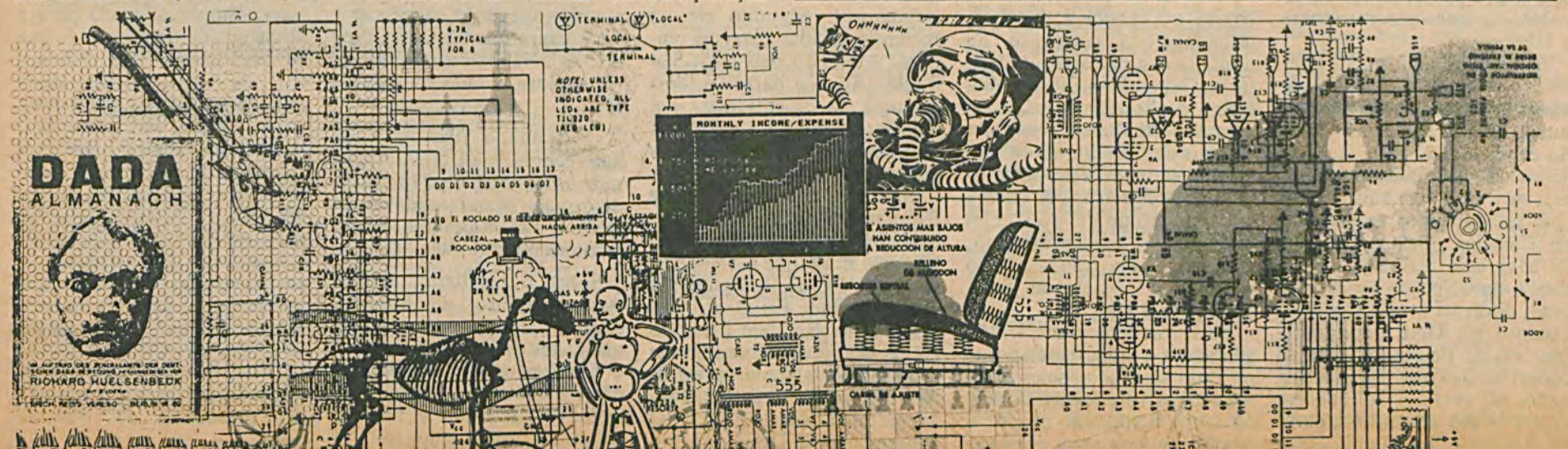
Existem dois tipos de profissionais na área de informática: os que fazem a faculdade de computação e os que fazem cursos avulsos. No primeiro caso trata-se de um profissional versátil, que tem acesso às várias linguagens e à ciência da computação, podendo trabalhar em grandes empresas, em pesquisa científica, como programador vinculado a áreas diversas ou como autônomo, que cria, implanta e vende sistemas para firmas que não possuem departamentos especializados. O profissional autônomo, em geral, tem um trabalho mais criativo e diversificado, muitas vezes junto a profissionais liberais que requisitam sistemas personalizados.

O outro tipo é aquele profissional de uma área qualquer que busca os cursos avulsos para ver se o computador pode auxiliá-lo na realização de seu trabalho e que, confirmada sua expectativa inicial, chega a se fixar no ramo, desenvolvendo projetos e programas aplicativos relativos à sua antiga área de atuação. Os cursos avulsos são procurados também por pessoas que exercem serviços administrativos, para efeito de currículo e para acompanhar as inovações dentro das empresas em que são funcionárias.

Em resumo, estes cursos servem para iniciação na área, dimensionamento de interesses e usos específicos, já que a informatização nas profissões não envolve um número tão grande de pessoas e em muitas áreas não é preciso que se saiba uma linguagem. Basta aprender alguns comandos básicos, substituindo uma sistemática de trabalho anterior por uma nova.

Mas o contato, mesmo pequeno, com a máquina, levanta a lebre para descobrir o que acontece por trás da telinha. E por trás dela, é tudo cada vez mais condensado; por fora, o computador tende a se transformar num eletrodoméstico como qualquer outro, de fácil operação, e por dentro, para garantir esta facilidade de acesso, os mecanismos são complexos, de alta tecnologia. A engenharia dos chips se encarrega dessa relação.

Como as faculdades de computação são relativamente novas, o mercado de "variedades" está nas mãos de pessoas de iniciativa, que vão pinçando cursos aqui e ali e variando seu trabalho entre grandes empresas, no desenvolvimento de sistemas de processamento de dados, administração e contabilidade e como autônomos, fazendo incursões nos mais variados campos.



Haverá jornalismo no fim do diploma?

A abolição da exigência de diploma para os jornalistas agita a III Semana de Jornalismo da PUC

“O papel do jornalista como historiador, narrador, criador, torna-se útil na medida em que constrói uma ponte para o florescimento de sistemas mais amplos e mais humanos”. Com essa chamada espalhada em cartazes que cobriram toda a PUC, presumia-se que a III Semana de Jornalismo — evento organizado pela coordenação do curso de Jornalismo e realizado entre os dias 7 e 11 de abril — discutisse as várias facetas da atuação profissional do jornalista. No entanto, não foi bem isso o que se discutiu nas várias mesas redondas. O assunto predominante foi, como vem ocorrendo em todas as rodas de jornalistas, a proposta de extinção da obrigatoriedade do diploma universitário para a profissão, formulada pela Comissão de Estudos Constitucionais presidida pelo jurista Afonso Arinos.

Já no primeiro dia de debates, o editor da “Folha da Tarde”, Carlos Brickman, enfrentou uma difícil polêmica com um grupo de alunos, durante a mesa redonda “Jornalismo Diário ou Jornalismo de Revista”. Brickman é um dos que defendem a extinção do diploma e seus antagonistas procuraram enfatizar que vêm a atual ofensiva dos jornais contra o diploma como mais um elemento a reforçar o monopólio da informação, já que os jornais, que controlam o que vai ser publicado, passarão a controlar também quem pode ou não ser jornalista. Brickman foi cobrado por ter eliminado, numa carta desses alunos à “Folha da



Claudia Giudice de Menezes

O papel DO jornalista
COMO *historiador, narrador, criador*
UTIL NA MEDIDA em que
CONSTRÓI Uma PONTE para
FLOREScimento de sistemas +
AMPLIOS E + HUMANOS.
III SEMANA DE JORNALISMO PUC-SP
LOCAL: TODOS OS DEBATES SE REALIZARÃO NA SALA 333 (ANTIGO DO PRÉDIO NOVO RUA MONTE ALEGRE, 964 - PEROZES - Fone: 263-0211 - Ramal 314)

DIA	DEBATE	DEBATE	DEBATE	DEBATE
07	08	09	10	11
SEG	TER	QUA	QUI	SEX
ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
12:30	12:30	12:30	12:30	12:30
13:30	13:30	13:30	13:30	13:30
14:30	14:30	14:30	14:30	14:30
15:30	15:30	15:30	15:30	15:30
16:30	16:30	16:30	16:30	16:30
17:30	17:30	17:30	17:30	17:30
18:30	18:30	18:30	18:30	18:30
19:30	19:30	19:30	19:30	19:30
20:30	20:30	20:30	20:30	20:30
21:30	21:30	21:30	21:30	21:30
22:30	22:30	22:30	22:30	22:30
23:30	23:30	23:30	23:30	23:30



Na foto acima da esquerda para a direita: Gabriel Romeiro, Caio Túlio Costa, Perseu Abramo, Cremilda Medina, Flávio Vespasiano Di Giorgi e Laurindo Leal Filho. Abaixo a esquerda, o cartaz do congresso. Foto abaixo a direita, o público de debate do dia 10

Tarde”, exatamente o trecho que falava desse monopólio. Sua resposta foi de que o trecho foi cortado por “falta de espaço”.

Também na mesa “Além da Grande Imprensa”, que discutia o mercado de trabalho fora dos grandes jornais e TVs, o diploma veio à baila. Para a editora da “Gazeta de Pinheiros”, Célia de Souza, formada em Economia, o diploma é dispensável, porque falta mão-de-obra qualificada no mercado jornalístico e as

escolas de comunicação não estão suprindo essa demanda. “Não dá para ensinar recém-formados”, argumenta Célia, dizendo que o importante é ter à disposição gente que saiba escrever, independente de ser ou não jornalista.

Na mesma linha da baixa qualificação do profissional de jornalismo seguiu o secretário de redação da “Folha de São Paulo” e ex-professor de jornalismo da PUC, Caio Túlio Costa. No debate sobre a exigência do diploma, que

encerrou a semana, ele argumentou que muitas vezes o jornalista tem necessidade de uma formação técnica mais específica. “Um advogado consegue editar matérias jurídicas melhor do que um jornalista formado”, diz Costa, ressaltando que não é a favor da extinção das escolas de jornalismo e sim da exigência do diploma. Para ele, o fim do diploma não é uma conspiração patronal, já que a preocupação é “melhorar a qualidade do produto, para vender mais

e criar mais empregos”.

Mas as posições contra o diploma estiveram na franca desvantagem na III Semana. Para Walter Falceta, ex-aluno do curso da PUC, atualmente repórter da revista “Veja”, o fim do diploma seria a volta das corporações de ofício. “A empresa obriga e induz o jornalista a trabalhar dentro de certos moldes, enquanto que na Universidade o laboratório permite mais liberdade”. Em linha próxima, o professor Laurindo Lalo Leal Filho, um dos editores do *Porã'Duba*, admite que os cursos de jornalismo deixam a desejar, mas considera que o fim do diploma passa à empresa o poder de ditar quem pode ou não pode ser jornalista.

Já o professor Flávio Di Giorgi, também presente à Semana, considera que o debate sobre o diploma de jornalismo está descolado e funciona como uma cortina de fumaça para questões mais importantes, como a rediscussão da legislação sobre concessões de rádio e TV, por exemplo. Por outro lado, o presidente dos Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, Gabriel Romeiro, afirmou que é contra a abolição do diploma vir a ser inserida na Constituição, como pretendem alguns setores patronais da imprensa. Para ele, que tem uma posição flexível nesse assunto e até admite, sob condições, a extinção do diploma, a inclusão na Constituição representaria o fim da atual regulamentação da profissão de jornalista. E é isso o que teme a maioria dos jornalistas.

Cacs disse não à UNE no plebiscito

Não, o Cacs não reconhece a UNE.

Esta foi a resposta do plebiscito realizado no dia 15 de abril, convocado para resolver uma polêmica criada em torno do congresso da UNE que vai acontecer na cidade de Goiânia, de 24 a 27 de abril.

O Cacs (Centro Acadêmico de Ciências Sociais), através de congresso realizado em 85 com a participação de 28 pessoas, aprovou o não reconhecimento da UNE, decidindo não enviar delegados para o congresso de Goiânia. Esta decisão, no entanto, foi contestada por um grupo de alunos da Unidade Estudantil, que

coloca em cheque a representatividade do congresso do Cacs, já que os cursos de História, Geografia e Ciências Sociais totalizam aproximadamente 1.200 alunos.

Regis de Oliveira, aluno das Sociais, defende a proposta tirada do congresso: “A UNE é um aparelho do PC do B. Eles dominam o credenciamento, utilizam-se de fraudes. Não vamos nos submeter às práticas da atual UNE”.

Edu, acrescenta: “Não adianta ir a um congresso que já está decidido pelo João Amazonas (presidente do PC do B). A autogestão propõe a criação de uma nova entidade

estudantil”. Segundo ele, já foram realizadas diversas reuniões no sul do país e em São Paulo. Ao que parece a idéia de uma nova entidade vem amadurecendo aos poucos, mas nada de concreto surgiu até agora.

Na outra ponta, a Unidade Estudantil defende o reconhecimento da UNE pelo Cacs. Marcelo Borg, que pretende filiar-se ao PC do B, argumenta que a Unidade Estudantil não é só PC do B, “tem gente do PT e até apartidários”. Ele discorda de algumas práticas da atual UNE, mas acha fundamental a participação no congresso. “A UNE está nu-

ma fase de reestruturação, por isso temos que levar propostas. A UNE agora tem que se voltar para o lado da Educação”.

O resultado final — Cacs não reconhece a UNE — foi tirado num total de 272 votos, dos quais 74 referendavam a UNE e 187 indicavam o não reconhecimento.

Sobre o resultado, Wilton Assis, calouro de história, afirma “Demonstrou aquilo que todos os alunos já sabiam: a UNE é uma entidade que não existe no dia a dia. O resultado confirmou a posição tirada no último congresso do

Cacs. Isto é um passo para a discussão de uma nova forma de organização dos estudantes”. Já Sônia Moraes, aluna de Ciências Sociais, acha que a votação não foi expressiva. “Não houve tempo hábil para esclarecer os estudantes, principalmente os calouros, do significado da votação. O resultado privou os estudantes de conhecerem sua entidade e participar das discussões que interessam a nós. O que eu acho bom é que essa discussão só se deu nas Ciências Sociais da PUC de São Paulo. O resultado não retrata a opinião dos estudantes de todo o país”.

Poucas



Boas

Agenda

Roubos sem solução

Nos últimos dois anos já foram roubados da PUC, entre outras coisas, máquinas fotográficas e de calcular da Coordenadoria de Serviços Administrativos, fones de ouvido e gravadores do Laboratório de Línguas, equipamentos de vídeo do Laboratório de curso de jornalismo e uma máquina fotográfica da redação do **Porã'duba**. Até hoje as investigações internas e externas não chegaram a nada.

Os alunos do curso de jornalismo cansados de ver seus equipamentos sumirem resolveram fazer um abaixo-assinado pedindo esclarecimentos. Eles deverão ser prestados nesta quarta-feira, dia 23, quando o vice-reitor administrativo, Alipio Casali, vai discutir essa questão na reu-

nião aberta deliberativa do curso de jornalismo, na sala de diagramação, a partir das 19 horas.

Tarefas sindicais

Os diretores da Afapuc querem ser afastados do trabalho durante a vigência dos seus mandatos. Em carta à Reitoria eles alegam ser muito difícil conciliar o trabalho em seus setores com as tarefas sindicais. Alguns sindicatos de trabalhadores já resolveram esse problema profissionalizando seus diretores ou obtendo junto aos patrões a dispensa do ponto para alguns membros da Diretoria.

Conselho de Fono

As professoras Clélia Bolaff e Eloisa Tavares de Lacerda, do Departamento de Distúrbios da Comunicação da

PUC, tomaram posse nos cargos de Presidente e 1ª. Secretária do Conselho Regional de Fonoaudiologia.

Além delas, foram eleitos dez conselheiros titulares, dez suplentes e mais três diretores. Só falta agora instalar a sede.

Briga no futebol

Não foi bem sucedida a última investida dos professores pela quadra de futebol de salão. O time da Apropuc estava perdendo para o pessoal da Livraria Cortez quando começou a apelar para recursos extra-legais. Alguns jogadores foram expulsos e aí o nível baixou de vez. Os professores não contentes em perderem na bola, acabaram perdendo também na briga. Uma das principais vítimas foi o professor Celso Antonio Fiorillo, diretor da Apropuc e advogado da Afapuc.

Prefeitos na PUC

Começa quarta-feira, dia 24, um Curso de Extensão Universitária sobre "Poder Local e Democracia no Brasil: participação popular e cidadania nas áreas metropolitanas". Entre os expositores estão os prefeitos de Recife, Jarbas Vasconcelos; de Fortaleza, Maria Luisa Fontenelle e do Rio, Saturnino Braga.

As inscrições podem ser feitas na Urplan (Instituto de Planejamento Regional e Urbano da PUC) à Rua Ministro Godoy, 960. Mais informações pelo telefone 65-7715.

Bolsas para a paz

A Universidade para a Paz, com sede na Costa Rica, está oferecendo bolsas de estudo, em nível de pós-graduação, nas seguintes áreas: Comunicação Social, Direitos Humanos, Proteção da Ecologia, Educação para a Paz, Ciências Políticas para o estudo da Paz e Comunicação Audiovisual.

No Brasil, a Universidade para a Paz é representada por Rogério Cerqueira Silveira, Rua Almirante

Tamandaré, 32/402, Cep 22210, Rio de Janeiro.

Cultura e folclore

Estão abertas as inscrições para o Concurso Silvio Romero de monografia do Instituto Nacional do Folclore. São aceitas apenas monografias inéditas sobre cultura e folclore do Brasil. O vencedor terá seu trabalho publicado e receberá um prêmio de 15 mil cruzados. As inscrições podem ser feitas na Rua do Catete, 179, Rio de Janeiro, Cep 22220.

Origem da terra

Quem estiver preocupado com a origem da terra, sua evolução até chegar aos dias atuais com o "Grande Momento Cíclico-Histórico" pode fazer um curso que vai do dia 10 de maio a 12 de junho, na Rua Pedro Doll, 549, Alto de Santana.

As palestras serão dadas sempre aos sábados, às cinco da tarde, por físicos, advogados e professores. As inscrições podem ser feitas pelos telefones 203-4096 ou 203-2649 e são gratuitas.

A praia do cacs

E o CACS trouxe a praia para a PUC. Durante o período de aulas foram montadas uma barraca e uma piscina no corredor que separa o prédio velho do novo. E foi ligado um aparelho de som, o que bastou para criar um clima de revolta e protesto entre professores e alunos que trabalhavam nas salas do prédio novo.

Chegou a haver uma verdadeira guerra de água entre estudantes que enchiam a piscina com hidrantes e outros, localizados no terceiro andar do prédio novo, que respondiam com as mesmas armas. Se o in-

teresse do Cacs era promover um alegre encontro à "beiramar", o resultado não foi o es-

perado. Houve muitos aplausos, mas de outro lado, sobrou irritação.



A praia do Cacs, antes do início da guerra de água.

Gerson Sintoni

Seção Coruja

Neste número a seção coruja abre espaço para uma "mãe coruja", Rose do Setor de Apoio Datilográfico, que muito brigou para conseguir publicar a foto de seu bebê Danilo, o palhacinho (ao lado), que na verdade já nasceu há alguns anos. Ele ganhou o 1º lugar no concurso de Arte Infantil da Gessy Lever.

Os demais corujas e seus bebês são:

27.01.86 — Pedro — filho de Enio José da Costa Brito — depto. de Teologia.

18.02.86 — Odair — filho de Manuel Messias P. Mores — Oficinas

31.03.86 — Kelly — filha de Cláudio Martins Ferreira — Setor Segurança



09.04.86 — Leandro — filho de Geraldo Barbosa Lima — Limpeza CCMFT.

Cartas

A palavra dos funcionários

Já externei minha satisfação quanto à nova forma e conteúdo do **Porã'duba**. É uma experiência nova que tem tudo para satisfazer os anseios da comunidade, livrando-nos das teias de aranha que envolviam o "nosso" órgão de comunicação. Ainda se pode notar falhas mas elas são, antes de tudo, um convite ao aperfeiçoamento.

No artigo sobre o Congresso Univeristário, atualmente em gestação, não há nenhuma palavra dos funcionários. Entrevistas com o Reitor, com a presidente da Apropuc, com alunos e nós, nada! É bom lembrar que nós, funcionários, fomos talvez os primeiros a levantar tal proposta, já no ano passado. Não queremos nenhum tipo de exclusividade, sob pena de descaracterizarmos todo o nosso pensamento acerca da Universidade, mas ao mesmo tempo, não

queremos mais ser tratados como elemento secundário.

José Rocha Cunha, Pres. Afapuc

Militante sindical

Na reportagem sobre o movimento estudantil publicada no último **Porã'duba** percebi, após minhas palavras se tornarem públicas, que houve algumas considerações e reflexões que não foram por mim explicitadas. As frases foram recortadas do todo, tornando-as contraditórias.

Peço que seja retificada a afirmação: "Nivaldo que não se considera um militante e sim um sindicalista do ABC desde 78". A afirmação correta que consta na fita gravada é a seguinte: "Não milito e nunca militei no movimento estudantil, minha militância iniciou-se no movimento sindical, principalmente a partir das greves de 1978 no ABC.

Nivaldo José Alves, aluno do curso de Filosofia da PUC.

Resposta da repórter Nelcy Del Grossi: "As frases não foram recortadas do todo. Das declarações do aluno Nivaldo José Alves foram destacadas as mais importantes, de acordo com a linha da reportagem. Se houve engano na afirmação sobre a militância no movimento estudantil, ele já está retificado. Apenas gostaria de informar que se o Nivaldo não se considera militante estudantil, seus colegas não pensam o mesmo. Ele só foi entrevistado porque vários deles se referiram ao Nivaldo como alguém de presença importante no movimento estudantil".

Nasce um jornal

Parabéns pelo novo **Porã'duba**. Nasce o novo jornal da PUC-SP. Desejo-lhes sucesso! Foi uma delícia receber aqui este primeiro nú-

mero da nova fase. 'O prazer' foi todo meu!

Mariangela Belfiore, vice-reitora comunitária adjunta, Paris.

A correspondência para o **Porã'duba** deve ser entregue na redação (subsolo do prédio novo) ou enviada para Rua Monte Alegre, 984, Cep 05014 — São Paulo, SP. Por motivos de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

Magnus Cabelereiros

Alisamento e Limpeza de pele com produtos naturais 2ª, 3ª e 4ª feira com 50% de desconto nos cortes.

Rua Cardoso de Almeida, 1524 — fone 263.9050

O Brasil de Sarney esquece Tancredo

365. Ou melhor, menos de 365 dias, foi o tempo suficiente para o brasileiro se recuperar e praticamente esquecer a maior dor que aparentemente já teve. No dia 21 de abril do ano passado, milhares de pessoas tomaram as avenidas, que ligam o Instituto do Coração e o Aeroporto, numa tristeza histórica e comovente.

Traição do destino ou lance repetido do acaso impediram que o mítico Neves assumisse o controle do Planalto Central, um dia antes da posse. Acometido de um resfriado, transformado em diverticulite e convertido em acidose, o presidente foi retalhado e vasculhado pelas mãos de vários médicos brasileiros.

Brasília deixou de ser a Capital do País, quando o paciente presidente foi transferido para o Instituto do Coração em São Paulo. Durante um mês e meio populares e equipes de jornais, rádios e televisões se revezaram na frente do hospital esperando a notícia. E ela veio, cobrindo o país de luto.

Imeditamente, assumiu o vice — imortal acadêmico — Sarney, e a transição democrática ainda era uma interrogação.

No momento, lá em cima (acreditando-se que existe vida depois da morte) o presidente Tancredo empossado numa nuvem, assiste seu circo pegar fogo e transformar-se em gelo.

O Porã'duba apostou na capacidade escatológica das personalidades que conviveram e participaram da transição. Fomos ouvi-las e publicamos a média da sua falta.

Vivo ou morto, um mito?

Leonel Brizola, governador do Estado do Rio de Janeiro, foi o articulador da resistência que garantiu a posse de Jango Goulart na presidência em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros. Graças à resistência de Brizola, Jango assumiu e foi instituído o regime parlamentarista no Brasil. Tancredo de Almeida Neves foi o nosso primeiro Primeiro Ministro.

Hoje Brizola aposta que, com Tancredo vivo, o Brasil seria muito diferente. "Eu acho que ele cravaria mais aos ricos e poderosos do que tão drástica e injustamente os pobres, como vem fazendo o Sarney", disse o governador em entrevista exclusiva ao Porã'duba. Para ele, o presidente Sarney e o PMDB traíram o projeto do Tancredo. "O PMDB atravessou o oceano todo nadando e morreu na praia. O Tancredo era a força

de sustentação do PMDB. Hoje este partido sustenta um governo com quadros de decisão que eram os alicerces do antigo regime".

Carlos Brickmann, jornalista e editor da Folha da Tarde, acompanhou Tancredo na sua última viagem à Europa, dias antes da posse. Ele acha que o Brasil seria diferente com Tancredo, por ele ser um homem e um estadista acostumado a governar sózinho. Segundo Brickmann, "o mito para ser mito precisa até morrer no dia certo" e no caso de Tancredo parece que deu certo. "Tancredo estava disposto a gastar todo o seu prestígio para acabar com a inflação e isto poderia abalar a força do seu mito. Ele morreu numa época em que não havia uma pessoa no país que não estivesse apoiando e torcendo por ele".

O mérito de ser um dos primeiros a apoiar a candidatura do presidente Tancredo, quando ninguém apostava nele, é requisitado por Fernando Silveira, vice presidente do PTB e deputado estadual, candidato a reeleição. Para Silveira, Tancredo teria de tomar sérias medidas para manter o apoio das camadas populares. Ele considera que o Sarney está conduzindo o barco com um surpreendente carisma. Porém, se contrita e profetiza: "como humanos esquecemos muito rapidamente o passado. Nós que estamos com os dias contados. A morte é o ponto final na vida de um homem. Mas não será na vida do Dr Tancredo".

Não será mesmo, segundo a opinião do deputado-escritor Fernando Moraes, pai de "Olga", que considera que "Tancredo Neves" daria um bom livro. Moraes acredita que Tancredo seria muito mais duro e conservador do que Sarney, já que ele possuía muito apoio popular. "O Sarney está longe de ser o presidente dos meus sonhos, mas excluindo duas escorregadas — a reforma agrária e a censura de "Je vous salue Marie" — ele tem feito um governo bem razoável."

A feminista legendária, Rose Marie Muraro, não se sentiu viúva de Tancredo, apesar de considerar que, com sua morte, está havendo um retrocesso no país. "Ele estaria cuidando da reforma agrária. Com o Sarney isto é impossível, já que ele é um grande latifundiário". Quanto ao pacote, acha que este já estava nos planos da Aliança Democrática.

Uma das vozes mais conhe-

cidas e ouvidas nos rádios de pilha paulistas, declara que "foi uma tristeza a morte de Tancredo, a gente depositava tanta fé no seu governo e na Nova República". Afanásio Jazadi, formado em direito pela PUC, é dono do maior Ibope do rádio e agora se candidata a deputado estadual (sem partido) "para acabar com o crime". Afanásio acha impossível prever se estaríamos melhor ou pior com Tancredo. "É muita futurologia. Jogar na hipótese é chegar ao cúmulo da estupidez".

Os índios têm por tradição respeitar seus mortos e seus mitos. O deputado federal Mário Juruna, que votou em Tancredo no Colégio, não descumpra a regra. Ele acha que Tancredo tinha assumido um compromisso e portanto iria cumpri-lo. "Ele não falha com o povo", afirma no seu "portupiniquim". Juruna crê que, como alguns brancos, Sarney está traíndo o compromisso deixado por Tancredo.

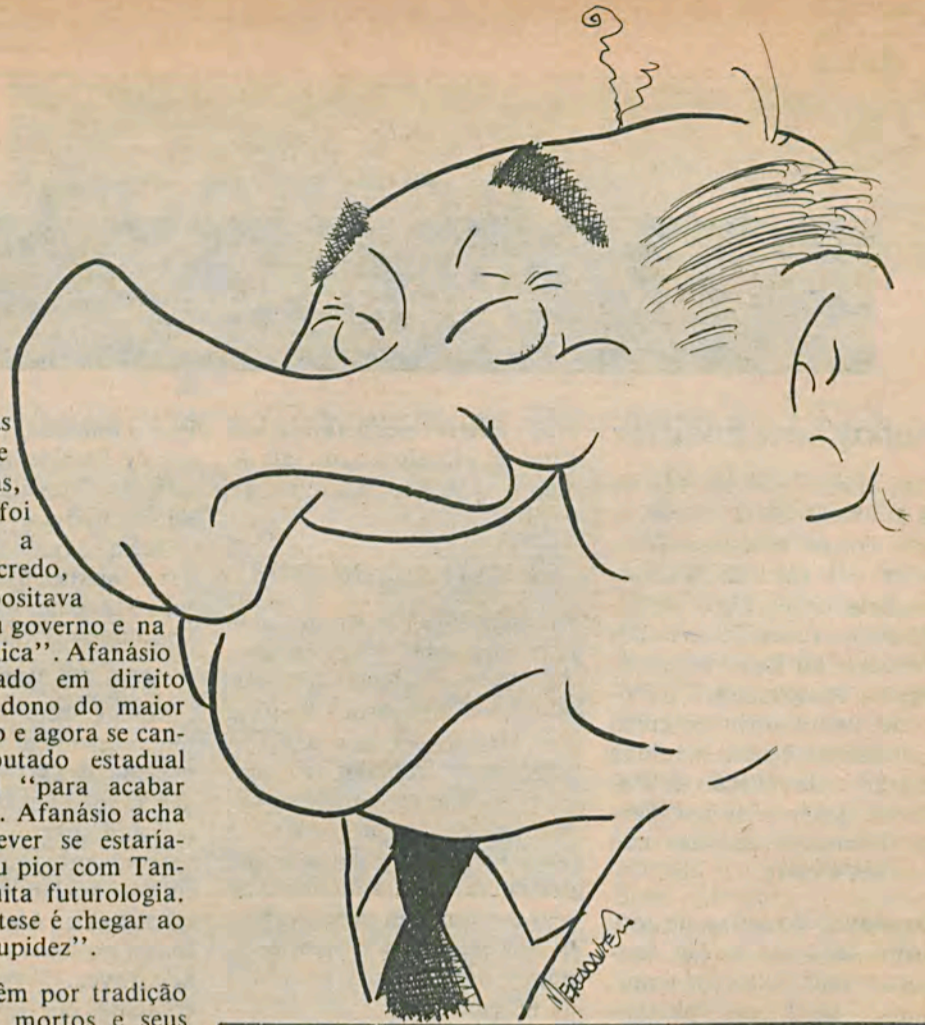
Traído ou não, o fato é que o mito está se apagando aos poucos. Lentamente Tancredo some na memória das pessoas, com uma única vantagem em relação aos outros mortais: está na história.

Tancredo na PUC

Para a maioria dos estudantes, professores e funcionários perguntados, Tancredo não está fazendo falta. A crise, o Congresso Universitário ou o plebiscito do Cacs são assuntos que merecem mais lembranças.

Além do mito Tancredo ter servido de pretexto para muitos trabalhos escolares, com uma pesquisa rigorosa seria possível verificar que boa parte da população flutuante da Universidade acompanhou com os olhos e emoção tudo o que passou.

Fernando Moraes, com conhecimento de causa, afirma que no Brasil os mitos duram muito pouco para serem redescobertos depois, como aconteceu com Jango (filme), Olga (livro) e outros tantos míticos heróis personagens, que acabaram virando série ou novela global. Assim, o mito Tancredo está hoje na fila das homenagens póstumas. Um ano depois da sua morte, a sua única presença visível — além da retórica protocolar dos discursos no Congresso — está no bilhete da loteria federal que correu no sábado, dia 19.



No além, as fontes guardam sigilo

É possível marcar uma entrevista com o presidente Tancredo? Esta pergunta foi respondida pelo órgão oficial responsável pelos contatos, mensagens e "realeses" do além e para o além.

Paulo Rossi é o diretor do jornal Folha Espirita, que circula em São Paulo com o apoio e supervisão do deputado Freitas Nobre do PMDB. Rossi esclarece que até o momento ninguém conseguiu um contato com o presidente. Esta falta de linha não é defeito do satélite da Embratel, nem incapacidade dos médiuns e microfones abertos na estratosfera.

O pesquisador Rossi informou que a psicografia não é provocada. O espírito é o responsável pelo contato. "Ele precisa estar preocupado em dar uma comunicação, tem que conquistar a categoria de comunicador (o diploma de jornalismo também é pré-requisito na outra vida) e mais do que isto o receptor precisa localizá-lo e conhecer as suas coordenadas no espaço (mais ou menos como sintonizar um rádio no dial), esclarece Rossi.

Um dos poucos médiuns em condição de fazer esta entrevista segundo Rossi, seria o também mineiro, Chico Xavier. Muitas pessoas se dizem portadoras deste dom, que segundo ele é inato. Porém é comum encontrarmos picaretas e falsos diplomados nos contatos mediúnicos. Rossi explica que para confirmar a veracidade da fonte é preciso checar as informações, como se fosse uma entrevista, comparando a men-

sagem recebida com coisas escritas ou ditas em vida.

Apesar do contato com Tancredo nunca ter sido efetivado, Rossi faz interessantes relações entre o Presidente Tancredo e outro herói mineiro — Tiradentes.

Tancredo Neves seria, no opinião de Rossi, um inconfiante como Tiradentes. E justifica sua afirmação dizendo que chegou a prever a morte do presidente para o dia 21 de abril, coincidindo com a data de morte do herói da Inconfidência.

Além da coincidência, Rossi compara as inúmeras operações sofridas pelo presidente com o retalhamento em praça pública de Tiradentes. Além disso, informa que o termo "Nova República" foi criado por Tiradentes. O autor desta descoberta é o deputado Freitas Nobre, do PMDB, que chegou a anunciar isto em plenário.

Outro dado que une as duas personalidades é o fato de que o desejo maior dos célebres mineiros não foi concretizado. Tiradentes queria a República, foi traído e morreu sem conseguí-la. Tancredo queria a presidência, foi traído pelo destino ou por forças inomináveis e não a conquistou por uma questão de 24 horas.

Coincidência, exagero ou verdade? É provável que ambos compartilhem da mesma origem e mesma nuvem. E através de um conchavo, bem mineiro, decidiram não dar mais coletivas aos curiosos jornalistas, que nem depois de mortos os deixam em paz.